

Revista

Woman splaining

Dicas culturais

Laerte-se e Aruanas são algumas das produções que você deve assistir.

Diversidade e Inclusão na moda

Como corpos com deficiência são representados no mundo Fashion?

Patrícia Campos Mello: perfil

Patrícia Campos Mello é uma jornalista e escritora paulistana.

movimento
Corpo livre
a aceitação e celebração do corpo

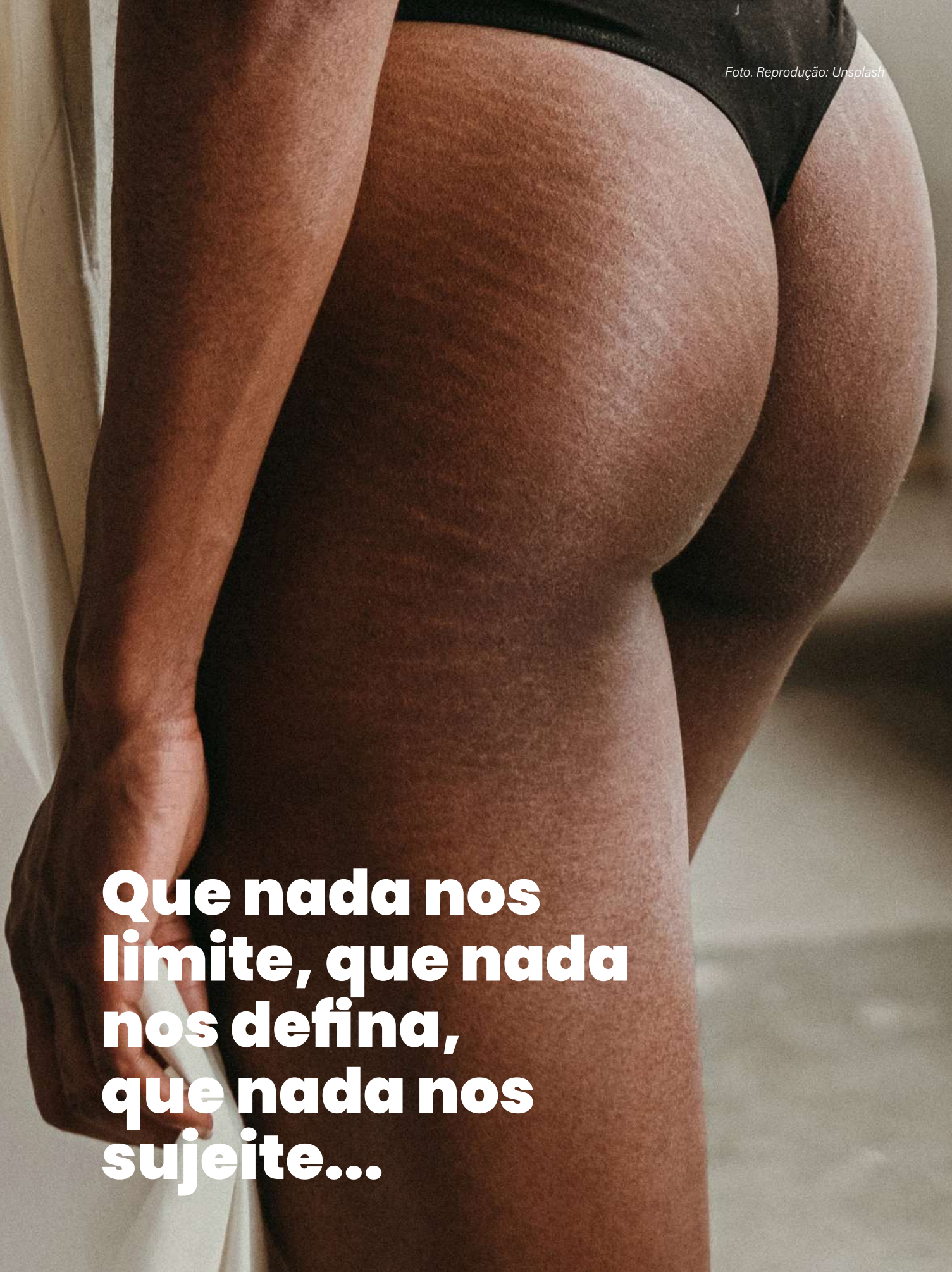


Foto. Reprodução: Unsplash

Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite...

editorial

Você já ouviu a expressão **Mansplaining?**

Mansplaining é um termo empregado quando um homem busca explicar algo a uma mulher de forma condescendente e simplista, presumindo que a mesma não detém do mesmo nível de entendimento que ele. A revista surge a partir da reinvenção do termo.

Busca ser referência na divulgação de iniciativas feministas, assim como na difusão de novidades, produtos e informações sobre o movimento e seus valores. O nome Womansplaining vem para carregar o poder do conhecimento feminino, através da exploração de narrativas exclusivas.

Quem faz a **revista?**

Somos alunas da Faculdade Cásper Líbero cursando o 2º ano de Jornalismo. Esta revista é um projeto realizado para a disciplina de Design Editorial ministrada pela professora Maria Cândida Almeida Castro.



juliana



isabelle



victória



tamires



luisa



melissa





conexão
com a **natureza.**

FRÔ 



Foto. Reprodução: Unsplash

Sumário

06. **Perfil Patrícia Campos Mello**
Tamires Batista e Isabelle Aradzenka

08. **A Gente Explica**
Tamires Batista

10. **Movimento Corpo Livre**
Victoria Oliveira

16. **Dicionário Feminista'**
Luisa Cardoso e Isabelle Aradzenka

18. **Diversidade e Inclusão na Moda**
Melissa Coelho e Isabelle Aradzenka

22. **Dicas Culturais**
Juliana Ribeiro



Patricia Campos Mello

Quem é a jornalista?

Patricia Campos Mello é uma jornalista e escritora paulistana. Ela é formada em jornalismo pela Universidade de São Paulo e é mestra em Business and Economic Reporting (relatórios empresariais e econômicos, em tradução livre) pela Universidade de Nova York. É também repórter especial e colunista da Folha de São Paulo, além de ser comentarista de temas internacionais pela emissora Band e BandNews. Recebeu prêmios como o Prêmio de jornalismo digital Rei da Espanha (2018) e o Prêmio Internacional de Liberdade de Imprensa (2019).

Entre os seus trabalhos de cobertura internacional, estão marcos históricos como as eleições americanas de 2008, 2012 e 2016, a guerra do Afeganistão e os atentados de 11 de Setembro em Nova York, no ano de 2001. É co-fundadora do projeto Mundo de Muros, que aborda a crise das migrações em quatro continentes. Publicou em 2017 o livro "Lua de mel em Kobane", pela editora Companhia das Letras, que conta sobre a guerra contra o Estado Islâmico na Síria pela perspectiva de um casal de refugiados no país.

Em 2018, Patricia Campos Mello sofreu ataques misóginos após escrever uma reportagem que revelou um esquema de circulação em massa de fake news que favorecia o então candidato Jair Messias Bolsonaro. Na época, Bolsonaro disputava contra Fernando Haddad (PT) o segundo turno das eleições. A reportagem repercutiu originando processos no Tribunal Superior Eleitoral contra a chapa Bolsonaro-Mourão.

Um destes processos foi aberto pela jornalista, devido a ofensas machistas de Bolsonaro a ela. Foi decretado em primeira

instância pela juíza Inah de Lemos e Silva Machado, da décima nona Vara do Foro Central Cível de São Paulo, que Jair Bolsonaro deveria indenizar a profissional no valor de 20 mil reais. Ela publicou seu mais recente livro "A Máquina do Ódio" em 2020, onde relata como líderes populistas usam as redes sociais como uma ferramenta de manipulação e como elas afetam o trabalho dos jornalistas, bem como a liberdade de imprensa. ■

Redação por Tamires Batista






Foto: Thiébaud Faix.
Reprodução: Unsplash

RE PRE SEN TATI VIDADE

o que é?

A ação de dar voz para quem não pode falar

A representatividade é uma ação tanto política quanto ideológica que expressa os interesses de um grupo por meio do representante. Seu objetivo é garantir direitos e participação ativa na sociedade, além disso, construir a identidade do grupo, como também a subjetividade do indivíduo pertencente a ele. Ao impactar o cidadão, pessoalmente, a ação coletiva influencia no seu próprio desenvolvimento.

Um exemplo disto é quando  coletivo pernambucano Juntas! foi eleito para ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa de Pernambuco (Alepe) em 2018.

A eleição gerou visibilidade para discussões sobre feminismo, orientação sexual, racismo e paridade de gênero na política.

O direito de representação é assegurado pela Constituição Federal do Brasil estabelecida no Título I – Dos Princípios Fundamentais (artigo primeiro) o Estado Democrático de Direito, fundamentado no pluralismo político.

Apesar da lei institucional a representatividade não é totalmente certificada, considerando as muitas desigualdades sociais presentes no país. É por isso que muitos grupos identitários lutam por reconhecimento. ■

Redação por Tamires Batista

PARIDADE DE GÊNERO

o que é?

Manter a igualdade de direitos é importante

Paridade de gênero é a intersecção entre igualdade de gênero e representatividade. Ela ocorre quando há uma divisão igualitária de ambos os sexos em cargos do poder legislativo. No Brasil é lei que cada partido ou coligação tenha no mínimo 30% de representação de cada gênero. Apesar de a lei



Foto: Tim Mossholder
Reprodução: Unsplash

ser sancionada, muitos partidos não atingem essa porcentagem. A paridade de gênero é um passo importante para alcançar a igualdade de gênero, pois garante maior possibilidade de criação de leis que protejam de fato os direitos das mulheres, assegurando uma existência mais justa e segura. ■

Redação por Victoria Oliveira

MOVIMENTO CORPO LIVRE
MOVIMENTO CORPO LIVRE
MOVIMENTO CORPO LIVRE

O movimento foi criado por **Alexandra Gurgel** em 2013 como um tipo de tradução do **movimento Body Positive** que nasceu nos Estados Unidos em 1996. Com suas **raízes na luta contra a gordofobia**, o movimento cresceu e hoje abrange diversas promoções de **bem estar e amor próprio**. Atuando no Brasil através do perfil do Instagram **@movimentocorpolivre**, o movimento incentiva mulheres a se **libertarem** das amarras estéticas que a sociedade estabelece, e a **amarem seus corpos e suas formas**.

O MOVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DAS GORDAS

POR VICTÓRIA OLIVEIRA

As gordas do movimento estão em uma missão para desestigmatizar a palavra gorda. O objetivo é torná-lo um adjetivo que não mais é usado para humilhar pessoas, desvinculando-o da categoria de ofensa. Percebendo isso, marcas como a 'Oh Querida!' começaram a produzir roupas com a palavra GORDA na estampa, as quais logo se tornaram um queridinho do público.

O movimento foi alavancado entre as gordas brasileiras com a popularização de eventos como o Festival Pop Plus, que ocorre 4 vezes ao ano no Club Homs, localizado na Avenida Paulista. Flávia Durante, criadora do evento, relata ter criado o evento por ser gorda e só achar roupas caretas no seu tamanho na época: "Não havia moda plus size autorais. Criei o Pop com o incentivo de fomentar esse mercado".

Logo, o festival se transformou em algo muito mais que um local de compra, hoje contando com muitas atrações dentro e fora do palco durante os dois dias de evento, como shows de Drag Queens, DJs, dançarinas, aula de yoga e muito mais - todas apresentadas exclusivamente por pessoas gordas, com o intuito de por meio de representatividade inspirar os visitantes a verem por si mesmos que o corpo gordo não é limitado. ■

Foto. Reprodução: Unsplash

O MOVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DAS TRANSGÊNERO

POR MELISSA COELHO

Muitas vezes não o associamos às pessoas trans ao movimento. Isso acontece porque não há um diálogo explícito em nossa sociedade sobre as pressões que sujeitam um corpo em transição.

Em entrevista, Ariel Pinheiros Gomes, mulher trans de 18 anos, discorre sobre os obstáculos enfrentados em seu dia a dia para lidar com o seu corpo e o seu processo de transição e aceitação.

"Por incrível que pareça, antes da minha transição eu não me preocupava se meu corpo estava no padrão feminino. Só depois que eu comecei a transição que eu comecei a sentir uma pressão maior para parecer uma mulher cis dentro dos estereótipos de um corpo feminino."

"De um lado existe o movimento Corpo Livre que me ensina que não há só um corpo para ser levado como exemplo. Do outro existe a perturbação, que me mostra que a tudo só vai acabar quando eu estiver no padrão. Querendo ou não, pra mulheres trans é muito mais cobrado um corpo 'sexualizado' e padronizado, principalmente para arrumar um emprego no ramo da arte. Eu gostaria até de me aprofundar no movimento, para aprender como acabar com o padrão." ■

Foto. Reprodução: Unsplash

O MOVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DAS QUE ABOLIRAM SUTIÃ

POR JULIANA RIBEIRO

Difícil saber precisamente quando o sutiã foi inventado, mas desde o início do século 21 o molde atual já era disseminado e praticamente imposto. Seja como forma de sustentação dos seios, seja como um mecanismo socialmente restritivo à mulher, é inegável que o aparato interfere significativamente na relação com o seu próprio corpo.

A estudante de Psicologia, Bruna Abreu, 19 anos, é uma das muitas mulheres que aboliu o item do guarda roupa. "Quase que imediatamente após a menstruação, uma garota se vê diante do evento da compra do primeiro sutiã, mesmo que muitas vezes ainda seja desnecessário", afirma.

"É evidente que a decisão do que usar vai da vivência de cada um, de modo que algo que para alguns pareça limitador, para outros seja funcional. No entanto, é essencial que todas nós nos detenhamos às nossas opções ao invés de nos pautarmos no olhar julgador da sociedade" ■

Foto. Reprodução: Unsplash

O MOVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DAS QUE NÃO SE DEPILAM

POR ISABELLE ARADZENKA

A renegação da depilação é associada a desleixo ou assepsia e, portanto, tornou-se um tabu para a sociedade moderna. Destinado a quebrar tabus e normalizar aspectos naturais do corpo, o Movimento Corpo Livre também abraçou a causa daquelas que decidem voltar às raízes e deixarem seus pelos crescerem.

Ruth Ciribelli, artista de 20 anos, aderiu a não depilação e busca por uma melhor relação com seus próprios corpos. "Eu era paranóica, sempre me raspava e ficava torcendo pra minha axila não escurecer, já que eu tinha alergia e ficava com bolinhas".


"Foi um processo difícil e confesso que ainda não é 100% tranquilo em alguns lugares. Tenho receio de ser julgada, mas então eu penso: por que somos sempre julgadas? Só quero andar com meus pelos que crescem naturalmente sem me preocupar, não sou desleixada por isso, não sou porca por isso...são só meus pelos normais que fazem parte de mim", relata Ruth. ■

Foto. Reprodução: Unsplash

DICIONÁRIO feminista

sororidade

substantivo feminino

1. Sororidade é uma união cheia de empatia e companheirismo entre as mulheres, tendo como finalidade manter um relacionamento positivo entre elas. O conceito da sororidade  fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática desse movimento de igualdade entre os gêneros. ■

1. Você já reforça a ideia de que ter amizade com homem é melhor porque “as mulheres são mais falsas”?

- A** Sim
- B** Não

2. Você está em algum lugar e se depara com um casal brigando feio. A menina parece estar precisando de ajuda e você:

- A** Prefere não se envolver...
- B** Não perde tempo e já se envolve para ajudá-la!

Mais respostas **A**

Uau! Você realmente pratica a sororidade feminina nas suas atitudes. Sempre é bom prestar atenção em como nos comportamos entre mulheres e você aprendeu direitinho. Unidas somos mais fortes!

Mais respostas **B**

Hmm! A sororidade feminina acabou passando longe. Se você realmente quer se interar no assunto, procure repensar as suas escolhas e olhar para a sua próxima com mais empatia e carinho!

QUIZZ

Diversidade Inclusão na moda

Como corpos com deficiência são representados no mundo Fashion?

Nascida e criada em Minas Gerais, Stephanie Marques traz consigo lembranças de situações de sua infância que 76% da população brasileira nunca imaginou passar. A bela moça de cabelos ruivos, hoje com 24 anos e formada em direito, nasceu com Displasia Óssea Espôndilo Epifisária Metafisária, deficiência que consiste em alterações na formação da coluna e de suas extremidades.

Diferentemente do que a visão capacitista que pessoas sem deficiência possuem de Stephanie, a maior dificuldade que a jovem de um metro de altura enfrenta na sua vida não é lidar com a sua deficiência, mas justamente com o olhar preconceituoso em relação a ela. No mundo da moda isso não é diferente.

À medida que Stephanie amadureceu e entrou em sua fase adulta, a busca por roupas que lhe agradassem se transformou em uma tarefa cada vez mais árdua. Sua baixa estatura e seu corpo fora do padrão da moda tradicional muitas vezes a levaram para seções infantis, onde se deparava com peças que não lhe satisfaziam.

“Na pré-adolescência e adolescência muitas vezes ficava frustrada por não conseguir encontrar ou me encaixar nas roupas e no padrão que são impostos. Sempre me infantilizam e esperam que eu aceite, mas quando eu me imponho contra ficam surpresos. A minha maior dificuldade foi conseguir me impor dessa forma, mas com um tempo eu soube me expressar como queria e isso me ajudou a ser meu próprio padrão.”

Como se não bastasse o olhar de infantilização das pessoas e, principalmente, da moda à sua volta, a falta de representatividade assolou Stephanie por muito tempo.

“Nunca me vi representada em nenhum lugar, nunca vi uma pessoa com deficiência em quem eu pudesse me inspirar. Pelo contrário, as pessoas sempre fizeram questão de mostrar e apontar que meu corpo não se encaixa no padrão e por tempos ouvi que era um tipo de ‘aberração’. Felizmente não me deixei ser atingida por essas falas e criei o meu próprio padrão, fui entendendo meu corpo, meus gostos e meu estilo, e assim continuo até hoje.”



Foto. Reprodução: Unsplash

Não somente os 45 milhões de brasileiros que portam alguma deficiência física, mas diversas minorias possuem extrema dificuldade em se relacionar com o mundo da moda ou se sentirem totalmente aceitos dentro desse meio.

“Não existe na moda e no padrão imposto pelas mídias uma diversidade de corpos totalmente naturalizada. Algumas minorias começaram a receber mais atenção, como por exemplo o Plus Size, mas outras minorias, como corpos de pessoas com deficiência, ainda continuam excluídas e marginalizadas. O que falta para tornar esse meio mais inclusivo é a abertura no olhar para todas as minorias e diversidade de corpos existentes. As marcas e todos os envolvidos no mundo da moda não reconhecem pessoas com deficiência como

público significativo e que consome os produtos deles, e o resultado disso é uma exclusão final. No Brasil [de acordo com dados do IBGE], PCD representam 24% da população e mesmo assim não vemos essa inclusão.”

Sendo um nicho de mercado tão rico e interessante, a experiência de Stephanie faz questionar os motivos que levam a diversidade de corpos no mundo da moda ser tão inexpressiva. Por que os padrões dominam este meio? Qual o motivo por trás da falta de representatividade das minorias?

Ao ser questionada sobre padrões, Maria Helena Pires, estilista de 27 anos e dona da recém-criada marca Mahe — voltada, atualmente, para a moda tradicional —, relata:

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NA MODA



Foto. Reprodução: Unsplash

“A Moda Em Rodas surgiu a partir de uma vontade pessoal em criar um projeto próprio com a inquietação da falta de representatividade do corpo com deficiência nas editorias, nos desfiles e nos perfis e canais de moda. A percepção dessa ausência surgiu nas muitas coberturas que, como jornalista, realizei no São Paulo Fashion Week e da abordagem de mulheres com deficiência em meus perfis pessoais me pedindo dicas de moda. Inicialmente, eu pretendia atingir somente o público com deficiência. Hoje, por falar de moda, representatividade e autoestima, eu acabei ampliando o meu leque e abraço todas aquelas pessoas que gostam do tema e estão cansadas dos antigos padrões de beleza impostos pela mídia e pela indústria da moda e que, infelizmente, são replicados por muitas blogueiras e celebridades.”

“Antes, a função de uma modelo de passarela era ser um cabide para as roupas e para que os críticos e analistas de moda que estivessem assistindo ao desfile avaliassem e apreciassem exclusivamente a peça. Para que a roupa se destacasse e o caimento fosse ‘impecável’ não se poderia representar os corpos, mas sim apenas as peças que estariam sendo expostas no desfile, por isso a exigência de modelos altas e extremamente magras.”

A visão mais técnica da empreendedora pode esclarecer a origem do emprego de padrões no meio, mas será que esse pensamento continua prevalecendo?

A luta pela inclusão na moda é um símbolo profundo de ressignificação. Tendo isso em mente, Heloísa Rocha — jornalista e mulher que nasceu com a rara doença genética Osteogênese Imperfeita — fundou a página Moda em Rodas, que busca atuar pela causa através do Instagram.

Mesmo sendo atuante na causa, Heloísa desabafa que o profissional com deficiência não é valorizado no Brasil, trazendo grandes frustrações não só para ela, mas também para todos os que desejam se sentir representados.

“Poucas marcas que se interessam em investir na minha pessoa como modelo ou, especialmente, como produtora de conteúdo. Hoje nem tanto, mas por muitos anos fui convidada para dar palestras, modelar ou prestar consultoria de graça, pois, infelizmente, o profissional com deficiência não é valorizado no Brasil. Ainda existe a cultura de que quando você convida uma pessoa com deficiência para um trabalho é um ato de solidariedade e voluntarismo. Assim como no mundo sem deficiência, as empresas buscam modelos com deficiências leves e padrões europeus: loira, branca e alta.”

Durante seus cinco anos de dedicação à página, Heloísa observou pequenas mudanças no

ramo da Moda Inclusiva, mas, infelizmente, ainda lida com a incapacidade do meio de abrigar de modo integral pessoas com deficiência.

“Hoje, as pessoas falam mais sobre o termo moda inclusiva e a sua importância, mas poucas ações práticas são vistas. O mercado de marcas que confeccionam peças para as pessoas com deficiência é muito pequeno comparado à sua demanda. Só para você ter ideia, existem mais marcas de roupas para PETs do que para as pessoas com deficiência no mundo. O e-commerce e as lojas físicas não estão adaptados a receber um cliente com deficiência e os vendedores não são treinados para nos atender. O aluno de moda não é verdadeiramente incentivado a trabalhar com corpos diversos e praticamente todos os trabalhos universitários produzidos em prol da moda inclusiva não saem da teoria. Enfim, eu posso dizer que o problema vai desde a elaboração até a comercialização.”

Totalmente estampados e fixados em nossas mentes, os padrões nitidamente não agradam a todos. A moda precisa ser multifuncional e adaptável, a diversidade grita por mudança e aos poucos páginas como a de Heloísa devem se multiplicar e ocasionar uma maré de revoluções neste meio.

“Quando criei o Moda Em Rodas, eu jamais pensei no alcance que iria ter e nem o quanto iria aprender sobre o universo da moda inclusiva e/ou diversa. Sinto que me desenvolvi demais como profissional e como pessoa. Conheci histórias incríveis e tenho aprendido diariamente sobre o universo da inclusão e acessibilidade. Olhando para cinco anos atrás, eu, certamente, sou uma pessoa muito mais aberta a este e outros universos, como o

movimento plus, preto, sustentável e LGBTQIA+. Eu gostaria de poder reforçar e expandir cada vez mais a marca Moda Em Rodas, especialmente os seus três pilares (moda inclusiva, autoestima feminina e um novo olhar da pessoa com deficiência na mídia). Em resumo, eu gostaria de reduzir cada vez mais essa imagem de bloqueira (leia-se: os looks do dia) e me tornar uma produtora de conteúdo e consultora em moda e comunicação inclusiva. Não anseio em lançar uma grife do Moda Em Rodas, mas não descartaria uma collab com uma grande empresa.” ■

Redação por Isabelle Aradzenka, Luisa Cardoso e Melissa Coelho

Foto. Reprodução: Pexels



Achadinhos

COM O CRESCENTE DESTAQUE DADO ÀS PAUTAS FEMINISTAS TRATADAS NESSA REVISTA, É INEVITÁVEL QUE AS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS COTIDIANAS PARTICIPEM DA LUTA CONTRA O PATRIARCADO. POR ISSO, SEPARAMOS AQUI ALGUNS ACHADINHOS SOBRE O ASSUNTO, PARA QUE TODOS POSSAM SE INFORMAR, SE INSPIRAR E FORTALECER A LUTA NOSSA DE CADA DIA.

“**Aruanas**”, série da TV Globo militante pelo meio ambiente, ganhou nova vida com a exibição em rede nacional a partir de 28 de abril de 2020. A trama consiste na luta de quatro mulheres – protagonizadas por Débora Falabella, Leandra Leal, Taís Araujo e Thainá Duarte – contra o poder gigantesco de uma mineradora em território amazônico.

A advogada, a jornalista e a ativista ainda crianças se uniram para salvar o parque do bairro e, anos mais tarde, fundaram a ONG Aruana, referência mundial em ambientalismo investigativo. Com uma estagiária na equipe, Clara, as quatro se juntam numa trama de ação, aventura e mistério para enfrentar a mineradora KM alicerçadas de provas que ressaltam

a responsabilidade da empresa pelo aumento de doenças neurológicas em uma cidade às margens da Floresta Amazônica.

A palavra aruana deriva de “sentinela da natureza”, em Tupi, ressaltando a necessidade mais atual do que nunca de se atentar e alertar quanto aos crimes ambientais cometidos em território brasileiro, repudiados fortemente pela comunidade internacional.

Logo, as mulheres contestadoras exemplificam a atitude a ser tomada por todos os brasileiros **preocupados em preservar o patrimônio da natureza universal e nacional**: questionar e cobrar fiscalização eficiente contra as queimadas e o desmatamento da fauna e flora do Brasil.

Dirigido por Eliane Brum e Lygia Barbosa, **Laerte-se**, em seus 100 minutos de duração, discorre não apenas sobre transexualidade, mas principalmente sobre autoconhecimento, trazendo mais dúvidas do que respostas para o seu público.

O documentário - lançado em 2017 - acompanha a vida de Laerte, uma cartunista de sucesso que se descobriu mulher transexual aos 60 anos.

A hesitação de Laerte em participar do projeto nos é apresentada logo no começo da obra, fato esperado, já que o resultado final se revela tão intimista ao ponto de nos imaginarmos vivendo por alguns dias junto da ilustradora ou tomando um café da tarde com ela. A ausência de trilha sonora e a escolha da casa de Laerte como ambiente central para gravação influencia completamente neste sentimento de proximidade que desenvolvemos pela protagonista.

A obra audiovisual mergulha na vida da ilustradora para trazer à tona reflexões que vão muito além da questão de gênero, mas sem descolar totalmente dela. A investigação da mulher que a Laerte se tornou é acompanhada a todo momento pelo questionamento do que é ser mulher.

E, afinal, o que é ser mulher?

Longe de querer dar uma resposta, Laerte discorre sobre a questão a partir de suas próprias experiências com o seu corpo e sua identidade. A falta dos seios, que é uma estrutura aliada quase que inquestionavelmente à ideia de mulher, aflige de modo tão profundo a cartunista, que a leva a estabelecer quatro conceitos para a questão: quero,



posso, preciso e devo. Aliados à singularidade de Laerte, os três primeiros não lhe apresentam nenhuma aflição, entretanto, o “devo” perturba intimamente a ilustradora.

A angústia é oriunda de toda a complexidade do termo, já que o dever se relaciona diretamente com convenções culturais e uma certa hierarquia que Laerte observa dentro do movimento trans “Quem é mais mulher?”

Pode-se dizer que o protagonista deste extraordinário documentário, não é apenas Laerte, mas também o auto-conhecimento. A sensibilidade em abordar as reflexões ali trazidas torna a obra leve e envolvente. Como última reflexão dessa obra, eis um questionamento a todos os leitores, feito por Eliane Brum: “Tu acha que um corpo pode ficar completo?”

Em resposta, Laerte, como cartunista e mulher transexual, argumenta que **“Nem um corpo, nem um desenho é completo, estamos sempre em processo de mudança”**.



PROMISING YOUNG WOMAN

O longa **"Promising Young Woman"** (Bela Vingança) indicado a quatro importantes Oscars e vencedor de Melhor Roteiro Original é um must na lista de filmes que todos devem assistir. Sabe aquelas cenas que nos deparamos cotidianamente em bares ou baladas, com uma menina que perdeu um pouco a mão na bebida e está quase inconsciente? A protagonista Cassie (Carrie Mulligan) reproduz isso com maestria, todas as noites e sem um pinga de álcool.

Com um vestido arrematador e a maquiagem já borrada, ela sai toda noite em busca do alvo perfeito. Já caindo de bêbada, aguarda despreziosamente o desenrolar da história, até que, sem falha, surge um "homem de bem" para ajudá-la. Como suspeitávamos, ele, na verdade, só estava esperando o momento certo para dar o bote e se aproveitar da condição da menina. Mas, dessa vez, é ela quem vira o jogo.

Um filme necessário que retrata a desigualdade e a falta de respeito pelas mulheres, com um twist de vingança coletiva feminina mais do que aguardada. Através de uma resposta ácida a cultura do estupro, as telinhas dos cinemas ficaram repletas de mensagens cirúrgicas e, sem dúvidas, ao sair da sala com cheiro de pipoca, você irá refletir sobre suas próprias atitudes e como mudá-las.

Em **O Mito da Beleza**, a jornalista Naomi Wolf afirma que o culto à beleza e à juventude da mulher é estimulado pelo patriarcado e atua como mecanismo de controle social para evitar que sejam cumpridos os ideais feministas de emancipação intelectual, sexual e econômica conquistados a partir dos anos 1970.

Um dos livros mais importantes da terceira onda feminista, publicado originalmente em 1991, agora ganha uma nova versão disponível desde 2018. Agora esse clássico que redefiniu a relação entre beleza e identidade feminina está ao alcance da nova geração, sendo um instrumento valioso a superação da opressão visual ainda presente na realidade.

O que é o Mito da Beleza?

Segundo Wolf, a beleza é entendida como uma qualidade fundamental, estimulando competições entre mulheres e também entre os homens, que disputam as ditas mais belas. Exercendo pressão pela busca de uma aparência ideal, o mito da beleza seria uma das ficções elaboradas para controlar mulheres na sociedade patriarcal. Entre essas ficções também estariam a mística feminina, a histeria, a necessidade de ocupar mulheres com trabalhos manuais repetitivos, etc. ■

Redação por Juliana Ribeiro





ressignificando
a menstruação.

Herself

Foto. Reprodução: Pexels

...que a
liberdade seja
nossa própria
substância,
já que viver é
ser livre.

- Simone de Beauvoir



Editora
Cásper

لعلك يجب أن يكون أكبر مني
which have to be greater than your face

